

Rosa Maria Martelo*

Instituto de Literatura Comparada, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Carlos Mendes de Sousa (2024), *No Caminho da Poesia – Entre Sophia e Nava*, Lisboa, Documenta, 343 páginas.

Para descrever este livro – sem dúvida fascinante para todos quantos se interessam por poesia –, gostaria de partir de uma breve passagem incluída no conjunto de leituras mais testemunhais reunidas na secção final do volume. Uma passagem na qual Carlos Mendes de Sousa recorda as suas primeiras leituras de Eugénio de Andrade e os tempos já distantes em que se tinha dedicado a estudar o papel da metáfora na poesia eugéniana. Escreve o ensaísta:

Alguns anos depois do meu primeiro encontro com Eugénio de Andrade, fui viver para uma praia que era uma pequena ilha: praia enxameada no Verão, língua deserta no Inverno. Eu vivi o deserto da ilha. Foi o esplendor do fim de Setembro que me levou àquele lugar, quando ele começava a ser só silêncio e “luz rasteira”. O desejo dessa luz do Sul era, nesse meu tempo, indissociável dos poemas de Eugénio de Andrade: “Litania”, “Nas ervas”, “Desde o chão”... Vivi ali os dias mais amplos da minha vida. Para aqueles meus dias encontro hoje uma inscrição – todos eles se contêm nestes versos celebrativos: “– como podíamos morrer/ tão próximos/ e nus e inocentes?”. Penso nesses dias e como, neles, a poesia existia para a vida. Eu lia Eugénio de Andrade para a vida (sabe-se que assim é para tantos leitores). (307)

O que me atrai nesta passagem é o facto de Carlos Mendes de Sousa sublinhar que, naqueles dias, naquela ilha, “a poesia existia para a vida”, e que Eugénio de Andrade era lido para que esse tempo, descrito como “ardente numa terra ardente” (307), encontrasse o seu sentido pleno e a exaltação devida. Quando li esta rememoração já tinha atravessado o livro na quase totalidade, e estas palavras surgiram-me como uma espécie de pedra angular ao inscreverem a leitura da poesia e o seu estudo na experiência vivencial do jovem Carlos Mendes de Sousa, sem os situarem apenas em função do trabalho ensaístico ou académico do leitor especializado e crítico que ele também é (e então começava a ser). Nesta passagem, a poesia surge como algo que toma parte na vida daquele que assina estes ensaios e termina o livro com uma série de memórias e testemunhos exaltantes (cf. secção “Poesia, memória, retrato”). Quando cheguei a esta passagem, que está na página trezentos e sete, já tinha encontrado outras formulações para esta relação da experiência da poesia, lida ou escrita, com a busca na vida de “uma zona intensiva” (77),

ideia de resto partilhada pela generalidade dos poetas considerados no livro, e ainda por Eduardo Lourenço, estudado como um caso especialíssimo de genialidade do ensaísmo português enquanto arte e criação literárias. Parto deste testemunho porque ele dá o tom de uma posição ao mesmo tempo existencial e epistemológica que atravessa todo o livro, não por acaso intitulado *No Caminho da Poesia* (sendo o subtítulo *Entre Sophia e Nava*). De resto, a expressão que dá origem ao título provém de uma frase proferida por Sophia no contexto de uma entrevista de 1968, citada a dado momento por Carlos Mendes de Sousa: “O que sei agora e sempre é que estou no caminho da poesia” (107). Ao contextualizar esta afirmação num dos seus ensaios, o ensaísta alude a uma vivência em que prevalece “o veemente desejo de uma habitação poética do real” por parte da poeta. De certa forma, é este traço que Carlos Mendes de Sousa vê partilhado pelos poetas que estuda, e ainda por Eduardo Lourenço. E julgo poder afirmar que, nós, leitores do livro, o vemos partilhado também pelo seu autor.

Como descrever este livro? A nota preambular refere que as três secções nas quais está dividido – “I - Lugar da Poesia”, “II - Falar de Poesia” e “III - Poesia, Memória, Retrato” – albergam trabalhos realizados ao longo de vários anos (feitas as contas, julgo que abrangendo mais de três décadas), e que foram objecto de reelaboração (“cortes, acrescentos e comutações”) por forma a gerarem um todo orgânico. O autor esclarece:

Se a primeira parte constitui uma aproximação ao poema — um ver por dentro —, e a segunda revela um notório pendor metapoético, a terceira retoma o olhar sobre os cinco nomes analisados, agora sob o ângulo do testemunho. As memórias reunidas na configuração dos retratos resgatam a instância jubilosa do primeiro olhar que anima estas páginas. (9)

Significativamente, o modo de o livro avançar da ênfase nos poemas (primeira secção) para a reflexão metapoética (segunda secção) e depois para o testemunho pessoal de leitor (última secção) deixa entrever precisamente esta relação entre o amor da poesia e o acontecer de uma vida. Mas importa acrescentar que os textos agora reunidos correspondem a tipologias bastante distintas: encontramos textos testemunhais, artigos inicialmente publicados em revistas, jornais e obras colectivas, e dois estudos de grande amplitude inicialmente incluídos em edições criteriosamente organizadas e prefaciadas por Carlos Mendes de Sousa. Estão neste último caso o prefácio ao volume *Prosa*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, como o título indica reunião de ficções e outros textos em prosa da poeta (2021), bem como a introdução ao terceiro volume das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço (2016). Embora de menor extensão, mas não menor intensidade, será de referir ainda o prefácio aos *Ensaios Reunidos*, de Luís Miguel Nava (2004). E há duas particularidades a assinalar desde já: primeiro, a importância da prosa neste livro dedicado à poesia no qual se discute, em vários momentos mas sobretudo a propósito de Sophia e de Nava, a não pertinência de uma oposição linear entre poesia e prosa. Depois, assinale-se também a manifestação em vários estudos de um aspecto

muito importante no trabalho de Carlos Mendes de Sousa: a participação na organização e edição das obras completas de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Eduardo Lourenço, com toda a pesquisa de espólios implicada, da qual decorrem sobressaltos e descobertas de que este livro também dá conta.

Embora o índice não seja transparente quanto a este aspecto, os quatro poetas lidos na primeira parte do livro, Sophia, Eugénio, Fíama e Nava – e ainda Eduardo Lourenço, o autor em torno do qual se organiza a segunda parte –, irão reflectir-se um a um nas cinco secções mais testemunhais da última parte, no que podemos ver uma exemplificação, na própria estrutura do livro, da relação entre poesia e magnificação da vida subjacente ao modo como Carlos Mendes de Sousa equaciona as suas leituras de poesia. E há que sublinhar ainda uma presença que atravessa todo o volume como interlocutor dos poetas estudados e acima de tudo de Eduardo Lourenço: Fernando Pessoa.

É na segunda parte do livro, aquela em que Carlos Mendes de Sousa assinala “um notório pendor metapoético”, que o tipo de experiência de leitura levada a cabo se torna mais explícita. Num texto inicialmente escrito para o número que a revista *Relâmpago* dedicou à questão “Como falar de poesia?” (2000), o ensaísta interroga-se:

Será possível fazer da leitura algo próximo da tensão viva do poema? Entre o rigor e a paixão, o ideal seria encontrar uma percepção pessoal e íntima do poema — uma equivalência, em relação ao objecto lido, similar ao “equilíbrio das palavras entre si [que] é o equilíbrio dos momentos entre si” (Sophia de Mello Breyner Andresen, “Arte poética II”). (199)

Encontramos nesta afirmação um princípio orientador fundamental: a busca de uma equivalência entre a leitura e o objecto lido, o que, todavia, não deverá implicar a exclusão de uma percepção pessoal e íntima do poema em favor de qualquer tecnicismo. Em síntese, a busca de um equilíbrio entre rigor e paixão que possa ser experimentado (pelo ensaísta e pelos seus leitores) de modo afim ao “da tensão viva do poema”. Significativamente, no texto dedicado a Eduardo Lourenço, autor por quem Carlos Mendes de Sousa exprime reiteradamente a admiração profunda que por certo todos partilhamos, podemos ver destacadas perspectivas afins desta. No prefácio de *Tempo e Poesia*, destaca a posição anticrítica assumida por Eduardo Lourenço, que prefere desenvolver um movimento analítico de grande proximidade relativamente aos textos. Explica Eduardo Lourenço:

À obsessão de julgar a Obra, antepôs-se-me a urgência de uma espécie de osmose com ela, de modo a que o meu discurso sobre ela fosse uma espécie de duplo, não do seu próprio discurso — o que nenhuma Obra é — mas da claridade, da evidência interna, do movimento, em suma, da vida iluminante que na Obra existe, por ser o que é. (233)

Carlos Mendes de Sousa, que classifica *Tempo e Poesia* como “a mais importante obra sobre poesia alguma vez editada em Portugal”, procura neste seu livro a mesma espécie de intimidade reflexiva. O leitor crítico que ele é experimenta e expõe uma experiência de leitura envolvente no sentido forte do termo *experiência* (pensemos em Rilke quando afirma que os versos são experiências), partindo da empatia (Lourenço usa a palavra “osmose”) e não do distanciamento que, em princípio, deve assegurar ao crítico a objectividade do juízo. Se a poesia é para o poeta uma forma de vida, a sua leitura deverá ser-lhe de algum modo equivalente neste mesmo sentido, e só assim lhe poderá fazer justiça. Carlos Mendes de Sousa situa neste plano a criatividade do ensaísmo de Eduardo Lourenço, descrevendo-o como um “dos poucos que se aproximam do objecto e no-lo devolvem com uma luz em que o explicado não anula o imprescindível inexplicado, modo de continuar a fazê-lo brilhar”. (239)

Todos os exercícios de leitura realizados são desta ordem e envolvem gestos de empatia e cuidado. Por exemplo, o cuidado de evitar explicar demasiado; por exemplo, um rigor extremo na escolha de citações, e uma grande elegância nos argumentos. Poderia acrescentar ainda o cuidado de não sobrecarregar os estudos com notas e detalhes bibliográficos cansativos e distractivos. Num texto dedicado à poesia de Sophia, e a propósito do valor rítmico do mar nos seus versos, Carlos Mendes de Sousa cita Paul Valéry, e acaba por expor também, embora discretamente, o seu *modus faciendi*:

Paul Valéry, que reflectiu admiravelmente sobre esta questão, disse-o com clareza: o ritmo não é apenas “a substância sonora da poesia”, mas a “substância mesma da poesia”. Toda a existência dos poetas vive dentro dessa pulsação. É a partir dela que interiorizam as suas existências. (104)

É também essa pulsação rítmica que Carlos Mendes de Sousa nos vai mostrar nos autores que estuda, nas formas e nos temas de cada um, no modo de construírem a subjectividade e a impessoalidade. Em poucas palavras: na relação da poesia, como vida, com outras formas de vida. E, ao pensar na poesia como vida, vem-me à ideia também o adjectivo: *comovida*. Porque também reconheço nestes estudos uma atitude existencial que passa pela comoção, pelo mover-se com o outro, com as coisas vivas, expressão que dá título a um magnífico livro de Fiama, coisas essas que incluem as que nos chegam vivificadas pela memória. De um modo ou de outro, o que está em causa é sempre a conformidade essencial entre vida e escrita.

Um ponto importante em *No Caminho da Poesia* consiste no desenhar de um duplo movimento entre o exercício da impessoalidade e o assumir de uma vida escrita. A questão coloca-se logo de início com as leituras de Sophia de Mello Breyner Andresen, que sempre falou do poema como algo que só um exercício de impessoalidade permitiria “ouvir”. Carlos Mendes de Sousa cita, a este propósito, uma reflexão encontrada no espólio de Sophia:

Na realidade creio que todo o artista só consegue escrever na medida em que é capaz de inventar uma disciplina de despersonalização — na medida em que é capaz de se tornar uma página em branco, uma tela em branco ou o puro vazio de um silêncio total onde o poema a música ou o quadro se inscrevem eles próprios. (76)

Foi isto que Mallarmé definiu como cedência da iniciativa às palavras. O texto acontece no mundo, como parte desse mundo que aclara ou faz vibrar mais intensamente na sua condição ilimitada, e nessa medida ele não o representa, antes o (re)apresenta. O autor deve prescindir da autoridade para dar lugar ao acontecimento verbal que também o refaz numa vida magnificada que não lhe pertence exclusivamente. Sob diferentes perspectivas, a imanência é essencial em todos os poetas lidos neste livro. Podemos surpreendê-la em Sophia e também em Eugénio de Andrade, na tríade estruturante da sua poesia (corpo, palavra, natureza), na sua maneira de privilegiar as coisas da terra, o elementar e o concreto; podemos vê-la na aventura de conhecimento que é a escrita de Fiamma ao integrar a despersonalização no âmbito de uma “biografia sincera” (*Área Branca*); e podemos vê-la também na visão háptica de Luís Miguel Nava, o poeta que, à luz de uma literalidade tão estranha e excessiva quanto sublime, reviu a relação entre corpo, palavra e natureza equacionada por Eugénio de Andrade.

O que Carlos Mendes de Sousa mais emocionadamente sublinha em Eduardo Lourenço é o facto de o seu ensaísmo se traduzir numa aventura poética. “Podemos dizer que *Pessoa Revisitado* é um romance de testemunho” (268), afirma. E noutro momento escreve:

Os admiráveis *insights* apresentados nestas leituras (a partir de aproximações, afinidades ou diferenças) comportam uma energia propulsora essencial à escrita de Eduardo Lourenço. O ensaísta coloca-se no lugar dos poetas lidos, como se ele mesmo fosse o autor dos poemas. Como se se lesse a si mesmo enquanto poeta imaginário. A este respeito é muito expressiva a referência aos poetas seus contemporâneos como “objecto de projecção”. Assim o refere numa entrevista em 1986: “aquilo que há em mim de imaginativo, ou de imaginante, possivelmente se transfere para essa esfera de ordem crítica, em que os autores servem ao mesmo tempo de objecto de estudo no sentido tradicional e de objecto de projecção”. (269)

Não é certamente por acaso que Carlos Mendes de Sousa dá especial atenção a esta passagem: ela reflecte a sua própria maneira de se relacionar com as obras estudadas. É aqui que reside a necessidade da terceira parte do livro, muito mais centrada no testemunhar de acontecimentos de carácter autobiográfico. Mas é importante notar que as chaves biográficas nunca põem em causa as poéticas de despersonalização, tal como são equacionadas nas obras estudadas. Muito pelo contrário, fazem do papel da poesia na vida de poetas e leitores a chave dos elementos biográficos assinalados. Como

escreveu admiravelmente Sophia, “a poesia implica”, e é sobretudo ao nível das formas de implicação da experiência cruzada entre mundos literários e extraliterários que estes ensaios a estudam.

NOTA

* Rosa Maria Martelo. Professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (aposentada), é investigadora integrada do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILC/FLUP). Integrou a Direcção do ILC em vários mandatos e foi coordenadora do Grupo de pesquisa Intermedialidades. Doutorada em Literatura Portuguesa com a tese *Carlos de Oliveira e a Referência em Poesia*, tem privilegiado o estudo da poesia portuguesa e das poéticas modernas e contemporâneas e das relações intermediais da poesia com as artes visuais e o cinema. Publicou, entre outros livros de ensaio, *A Forma Informe* (2010), *O Cinema da Poesia* (2012, 2ª ed. 2017), *Os Nomes da Obra – Herberto Helder ou o Poema Contínuo* (2016), *Devagar, a Poesia* (2022), *Matérias Difusas, Poderosas Coisas* (2022) e *Herberto Helder Audio/Visual e Outros Estudos Entre as Artes* (2024). Coorganizou as antologias *Poemas Com Cinema* (2010) e *Uma Espécie de Cinema* (2019) e organizou a *Antologia Dialogante de Poesia Portuguesa* (2021). Codirige a revista online *eLyra* (elyra.org). Publicou os seguintes livros de poesia: *A Porta de Duchamp* (2009), *Matéria* (2014), *Siringe* (2017) e *Desenhar no Escuro* (2023).